



## **ESCRITORES LATINO-AMERICANOS E A TRADIÇÃO: Machado de Assis, Borges e Ricardo Piglia**

**Maria Zilda Ferreira Cury<sup>1</sup>**

A relação é conceito que propõe vínculos entre os termos, promovendo a unidade dentro da multiplicidade e vice-versa. Segundo Édouard Glissant (1990), através do que chama uma “poética da relação”, o conceito religa, relata o encontro, o diálogo, embora tenso, sempre presente entre o Mesmo e o Outro. Relação é, pois, conceito operatório interessante para articulação teórica de algumas produções latino-americanas que refletiram, com uma perspectiva aberta, sobre o diálogo intercultural. Neste sentido é que se toma a produção sobre a literatura como um dos privilegiados “locais da cultura”, como um dos muitos promotores de tal diálogo através da via da reflexão teórica.

Escolhi alguns textos, de diferentes épocas, para se pensar a relação do escritor latino-americano com a tradição e com o traço nacional, isto é, com a inevitabilidade quer do atrelamento da literatura dos países colonizados à cultura das matrizes européias, quer da sua necessidade de afirmação da individualidade cultural. Tal relação não se dá sem atritos e contradições e os escritores e intelectuais com elas se defrontaram ao longo de nossa história. É claro que tais reflexões demandariam um corpus muito amplo. O que apresento neste ensaio são uns poucos textos com a consciência da incompletude da exposição.

Começo trazendo à cena um texto de 1873, de Machado de Assis, o grande escritor brasileiro do século XIX, texto escrito, pois, 51 anos depois de nossa independência política. Machado publica neste ano “Instinto de Nacionalidade” (MACHADO DE ASSIS, 1992) na revista *Novo Mundo*, periódico em português

---

<sup>1</sup> Maria Zilda Ferreira Cury é professora da UFMG.

editado nos EUA. O texto se tornou referência matricial para a reflexão sobre a tradição e sobre os rumos da literatura nacional, à época às voltas com o dilema da assimilação do padrão europeu, dos valores pretensamente universais da modernidade e a imperiosidade de abrigar nas obras artísticas a “cor local”, que nos distinguiria enquanto brasileiros. Mais do que isto, porém, é um texto programático no sentido da explicitação da visão do nosso grande escritor sobre o campo literário brasileiro. Sobretudo, trata-se da explicitação da forma literária que ele próprio adotaria no futuro como escritor amadurecido já que, à época, somente se anunciava como homem de letras, com a publicação de apenas um romance. *Instinto de Nacionalidade* funcionaria, assim, como uma crítica à literatura característica do romantismo brasileiro e, simultaneamente, como uma carta de intenções, como explicitação de uma poética a ser assumida pelo escritor latino-americano face à herança europeia e à necessidade de afirmação nacional. O escritor introduz suas reflexões sobre as letras nacionais do século XIX dizendo:

Quem examina a atual literatura brasileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade. Poesia, romance, todas as formas literárias do pensamento buscam vestir-se com as cores do país não há negar que semelhante preocupação é sintoma de vitalidade e abono de futuro. (...) Interrogando a vida brasileira e a natureza americana, prosadores e poetas acharão ali farto manancial de inspiração e irão dando fisionomia própria ao pensamento nacional (MACHADO DE ASSIS, 1992. p. 801).

Não é casual a referência ao cenário natural brasileiro uma vez que a natureza, exuberante e virgem, sem marcas da cultura, era a tópica tão presente nos nossos escritores do Romantismo e o nosso traço de “diferença”, marcado pela perspectiva europeia sobre as Américas.

Chamo a atenção, ainda, para o fato de Machado de Assis ser considerado o mais universal de nossos escritores. Como nos diz Susan Sontag, fossem outros a sua língua e o seu país de nascimento, seria ele o grande nome da literatura mundial do século XIX. Ao mesmo tempo e em função mesmo deste caráter universal, Machado foi acusado pelos contemporâneos e por boa parte da crítica literária ulterior de não produzir obra nacionalista. Veja-se, pois, a atualidade da postura machadiana com relação ao nacionalismo, já neste ensaio de 1873. No texto em questão, o escritor se contrapõe ao que denomina “cor local”, argumentando não estar nela, na cor local, o elemento distintivo da independência

da literatura brasileira. Refere-se sobretudo à tendência indianista da literatura romântica, podendo-lhe os excessos:

É certo que a civilização brasileira não está ligada ao elemento indiano, nem dele recebeu influxo algum; e isto basta para não ir buscar entre as tribos vencidas os títulos da nossa personalidade literária. Mas se isto é verdade, não é menos certo que tudo é matéria de poesia, uma vez que traga as condições do belo ou os elementos de que ele se compõe (MACHADO DE ASSIS, 1992. p. 802).

Os aspectos de exotismo dizem muito mais do olhar europeu sobre as Américas do que sobre aquilo que identificaria o Brasil enquanto espaço de produção de cultura e não apenas como natureza. A eles, Machado de Assis contrapõe “certo instinto de nacionalidade” que percebe incipiente na literatura de seu tempo. Com isso, e mesmo antes, como já se acentuou, da escrita de sua obra mais madura, fornece os parâmetros para as configurações universais que assumiria sua escrita. Traz para o texto o exemplo de Shakespeare, um gênio *universal* que, segundo Machado, não deixou de ser *essencialmente* inglês por ambientar tragédias como Hamlet, Otelo, Júlio Cesar, Romeu e Julieta fora da Inglaterra. Embora reconhecendo a necessidade de tratar das coisas da terra, considera a imposição da cor local como pobre e limitadora.

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região, mas não estabelecamos doutrinas tão absolutas que a empobrecem (MACHADO DE ASSIS, 1992. p. 804).

O instinto de nacionalidade, tão presente e necessário como expressão da cultura de um Brasil recém independente, deveria servir, segundo o escritor, à teia de relações e de trocas que caracterizam a identidade nacional como complexa na sua instabilidade, nas suas configurações sempre em movimento. Machado coloca-se, assim, em consonância com uma concepção aberta e relacional da identidade brasileira e por extensão da identidade americana, reconhecendo como positivo o sentimento de historicidade alcançado pelos românticos, mas reivindicando para o escritor “*certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço*”. (MACHADO DE ASSIS, 1992. p.804) (p. 804)

Não é sem razão que Antonio Candido faz culminar sua *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos* (1981) com Machado de Assis e justamente fazendo referência a Instinto de Nacionalidade. O escritor carioca ao mesmo tempo em que usufrui das conquistas dos escritores românticos, sobretudo

no que estes retratam das cenas urbanas da sociedade brasileira do século XIX, desconstrói o modelo literário romântico, como nos salienta também Lúcia Miguel-Pereira (1973, p. 68) incorporando-o como paródia. Tal incorporação entraria como elemento negativo na construção futura de muitos personagens de seus romances, tingindo-os da ironia com que retrata a classe dominante brasileira do século XIX, criticando-lhes o liberalismo de fachada. Este movimento de leitura a contrapelo da tradição romântica é o mesmo que Machado de Assis imprime à tradição europeia. Em outras palavras, ao apontar na sociedade brasileira os limites ideológicos do discurso liberal, bem mostrado nas análises já clássicas de Roberto Schwarz (1977; 1990), Machado de Assis não se limita nos seus romances a criticar o liberalismo à brasileira. Na verdade, configura em sua obra uma crítica ao liberalismo *tout court*, pondo-lhe em xeque as premissas. Subverte, também, o padrão cientificista da literatura do período, padrão compartilhado por escritores brasileiros e além mar. Relê as tradições literária e filosófica européias, em cujas fontes confessadamente bebe, mas o faz a seu modo, ao modo de um intelectual que constrói sua enunciação a partir da periferia da república mundial das letras.

Em 1953, quase 80 anos, depois da publicação do texto de Machado, o escritor argentino Jorge Luis Borges profere uma palestra no “Colegio Libre de Estudios Superiores” denominada “O escritor argentino e a tradição” (BORGES, 1999).

É impressionante a semelhança entre os dois textos. Borges também assinala como equivocada a insistência dos escritores da época em defender a cor local como traço indispensável para a afirmação da literatura nacional argentina. Recorre igualmente ao exemplo de Shakespeare dizendo que, certamente o dramaturgo inglês teria se espantado “se tivessem pretendido limitá-lo a temas ingleses” (BORGES, 1999. p. 291).

Tudo o que nós, escritores argentinos, fizemos com felicidade pertencerá à tradição argentina, do mesmo modo que tratar de temas italianos pertence à tradição da Inglaterra por obra de Chaucer e de Shakespeare. (BORGES, 1999. p. 291).

Como Machado de Assis, expressa a consciência de que o localismo revela, sobretudo, o que o olhar do europeu percebe na sua perspectiva unidirecional, eurocêntrica, como exótico – fora de sua ótica – nas colônias da América. *O culto argentino da cor local é um recente culto europeu que os nacionalistas deveriam rejeitar por ser forâneo* (BORGES, 1999. p. 291).

Borges, mais uma vez semelhantemente ao Machado de Assis de *O instinto de nacionalidade*, traça um programa, fornece uma chave de leitura para sua obra – tanto a anterior ao texto, como a que viria a escrever depois. *Creio que nossa tradição é toda a cultura ocidental, e creio também que temos direito a essa tradição, maior que o que podem ter os habitantes de qualquer outra nação ocidental* (BORGES, 1999. p. 294).

Tal chave opera a relação entre a tradição cultural europeia e o lugar de enunciação a partir do qual o escritor de uma nação colonizada, periférica, no caso a Argentina, constrói o seu discurso.

Além da profunda semelhança com o texto de Machado, já aqui acentuada, é clara a presença no texto de Borges de outro escritor, T. S. Eliot que, como o autor argentino, também pertence à linhagem dos poetas críticos. Num ensaio já clássico – *Tradição e talento individual* – Eliot (1989) diz que se o nosso olhar para a literatura do presente se despsisse da ansiedade do novo e, antes, buscássemos aquilo que o escritor bebeu na melhor tradição, perceberíamos aí as passagens mais individuais de sua obra, aquilo que o escritor, com trabalho árduo, desentranhou da tradição recebida. Eliot, como o Machado de *O instinto de nacionalidade*, tem como interlocutora privilegiada o apreço de certa versão da Estética Romântica pela originalidade, pela figura do gênio inimitável como atributos do escritor. Esta ligação, embora presente também no texto borgiano, não se dá, contudo, sem contradição sobretudo por tratar-se de um escritor de um país periférico. Veja-se como ele propõe que o escritor latino-americano se aproprie da tradição europeia: *Creio que os argentinos, os sul-americanos em geral (...) podemos lançar mão de todos os temas europeus, utilizá-los sem superstições, com uma irreverência que pode ter, e já tem, consequências afortunadas* (BORGES, 1999. p. 295).

Veja-se que o escritor argentino apresenta uma apropriação irreverente da tradição europeia, tornando-a argentina pela via da desconstrução. Em outro de seus textos bem conhecidos – *Kafka e seus precursores* (1951) -, assinala que o poeta cria sua própria relação com os modelos, iluminando, por sua inserção no cânone, toda a literatura precedente, e se inscrevendo, assim, na literatura que lhe é contemporânea, e até mesmo na literatura ainda não escrita. Borges considera o poeta como um leitor, seja de si mesmo, seja da tradição. Mas, não como um simples copista servil ao modelo; paradoxalmente, é apresentado como fundador de sua própria tradição. O poeta criaria, com sua obra, a tradição precedente, uma

vez que sua poesia, simultaneamente escritura e leitura, modifica e reinventa a tradição. Borges coloca desta forma a figura do leitor no centro das preocupações teóricas da literatura. Se, para Borges leitor, a idiossincrasia kafkiana faz do texto do escritor tcheco o ponto de inflexão que torna possível a leitura de toda uma tradição precedente, é «a idiossincrasia da escritura borgiana» que torna possível, para o leitor dos dois autores, todas essas relações. Os predecessores de Borges culminariam, então, na escritura do próprio Borges. Assim, o escritor argentino, de uma certa maneira, se coloca ironicamente no centro do cânone, deslocando as tradições com as quais alimenta sua literatura. Elaborar em sua obra a relação entre a tradição literária europeia – de que se apropria com irreverência ímpar, assumindo-lhe *borgianamente* a autoria – e a tradição nacional argentina a mais característica.

Beatriz Sarlo (2008) no livro sugestivamente denominado *Borges, un escritor en las orillas*, mostra como a literatura borgiana encontra-se marcada pelo espaço argentino, com suas tradições e mitos, embora o seja sempre deslocadamente, sempre por vieses e por apropriações irreverentes e despistamentos do leitor, que exigem um olhar atento. Lembre-se que a obra de Borges, tal qual a de Machado de Assis, é reconhecida sobretudo como universal embora ele seja considerado como um dos escritores latino-americanos que efetivamente promoveu uma reversão das linhas tradicionais de influência, transformando-se em referência para a literatura e teoria literária europeias.<sup>2</sup>

Finalmente, chamo um último escritor para estas poucas relações que procurei estabelecer nesta apresentação. Trata-se do escritor e teórico argentino Ricardo Piglia em cuja obra ficcional ressoa frequentemente a presença de Borges que também aparece nomeado em inúmeros de seus textos críticos.

Em 1990, Ricardo Piglia faz uma palestra que foi mais tarde publicada com o nome *Memoria y tradición*.

---

<sup>2</sup> Lembre-se, de passagem, o famoso prefácio de Michel Foucault a *As Palavras e as coisas* em que cita longo trecho borgiano como imagem da “arqueologia epistemológica” que constrói em seu livro. (Cf. FOUCAULT, 1995). Lembre-se, igualmente, que Harold Bloom, no seu restrito e certamente eurocêntrico Cânone Ocidental, coloca Borges – juntamente com Neruda e Carpentier – como um dos fundadores da literatura hispano-americana. Os três escritores são as exceções em meio a escritores europeus. (Cf. BLOOM, 1995)

Para un escritor la memoria es la tradición. Una memoria impersonal, hecha de citas, donde se hablan todas las lenguas. Los fragmentos y los tonos de otras escrituras vuelven como recuerdos personales. (PIGLIA, 1991, p. 60)

Problematizando o diálogo com o passado cultural, diz que as relações de propriedade estão excluídas da linguagem literária e que podemos usar todas as palavras como próprias. Aquilo que identifica uma cultura é o que se constrói em tensão, no espaço da utopia, entre o que não é de ninguém e o uso privado da linguagem a que chamamos literatura. As musas inspiradoras dos escritores seriam, pois, a tradição, a *ex-tradição*, o resíduo de um passado cristalizado que se imiscui no presente e cujas relações se tecem sempre por contradição.

A cultura latino-americana estaria condenada a ser, em decorrência, uma tradução falsa, a ter um olhar estrábico: um olho na inteligência europeia, e outro nas entranhas da pátria. Fragmentos, recortes, citações, uma leitura amnésica. Propõe o escritor que as literaturas ditas secundárias e marginais têm sempre a possibilidade de uma remanejamento próprio e irreverente das tradições centrais. E o exemplo maior dado por Piglia é justamente o de Borges. E conclui: *La identidad de una cultura se define por el modo em que usa la tradición extranjera* (PIGLIA, 1991. p. 64).

Em 2001, Ricardo Piglia publica um ensaio curto denominado *Una propuesta para el nuevo milenio* (2001) em claro e tenso diálogo com o livro do escritor italiano Italo Calvino, *Seis propostas para o próximo milênio* (1993).

As conferências redigidas por Italo Calvino para serem lidas na Universidade de Harvard revelam as qualidades detectadas pelo escritor italiano na literatura e que ele atribuiu ao novo milênio que se aproxima: visibilidade, leveza, rapidez, exatidão e multiplicidade (CALVINO, 1993). Certo da existência de certas realidades, de certas experiências que somente a literatura pode propiciar, Calvino analisa valores, "propostas" especiais de leitura do discurso literário que, no seu movimento em direção a uma melhor percepção da realidade, apresentariam uma experiência com a linguagem. Para Ricardo Piglia (PIGLIA, 2001), a sexta proposta – não concluída por Calvino, morto antes de apresentá-la - englobaria o deslocamento e a distância, valores que criariam espaço para uma enunciação diferenciada, tomando distanciamento do discurso do narrador, do enunciador. Em outras palavras, representaria a criação de um espaço para a voz de um outro, para uma outra voz dizendo o que não poderia ser dito de outra maneira. Um lugar de condensação, uma outra cena, uma outra voz que somente

como outra poderia se enunciar. A literatura ofereceria, então, esta possibilidade de um espaço onde é sempre o outro que diz. E este outro é o que se faz ouvir como uma forma de experiência. À luz desta sexta proposta, tomando a distância como observador e deslocando o olhar, fazendo ouvir outras vozes enunciativas e outras possibilidades de construção de linguagens, privilegiando outros sujeitos é, segundo Piglia, que se pode ler o trabalho textual de escritores contemporâneos. Estas vozes de “entrelugar”, para usar da feliz expressão de Silviano Santiago (1978) quando também se refere ao escritor latino-americano, articulam espaços e culturas diversas, apresentando-se na sua singularidade simultaneamente próxima e distante. Através de sua estranheza e seu deslocamento, estas enunciações construídas à margem do sistema central da produção dos bens culturais, abrem espaço para vozes “nativas”, reprimidas, as vozes daqueles considerados como afásicos culturais. Escolhendo o distanciamento para a enunciação da voz do intelectual latino-americano, fora do centro da produção das ideias, deixando a linguagem falar também a partir da margem.

Como si el lenguaje fuera un territorio con una frontera, después del cual está el silencio. Cómo narrar el horror? (...) La literatura prueba que hay acontecimientos que son muy difíciles, casi imposibles, de transmitir: supone una relación nueva con el lenguaje de los límites (PIGLIA, 2001. p.2).

Como diz Gilles Lapouge, no artigo intitulado *Os arquivados vazios da humanidade*, a ciência das civilizações triunfantes jogou na lata de lixo a ciência dos vencidos e os arquivos da humanidade, continua o articulista, estão quase vazios (LAPOUGE, 1996, p.2). Trata-se, então, de preenchê-los pela reinvenção dessas vozes, sempre «em relação», dissonantes e contraditórias.

Ricardo Piglia que, no primeiro texto aqui referido, já deslocara conceitos como tradição e autoria, modelo e cópia, evidenciando a produção literária latino-americana como um processo de reinvenção constante, de desconstrução de uma linguagem originária que hierarquiza as produções culturais, avança sua reflexão neste segundo texto. A chamada literatura da margem reverte-se em lugar privilegiado por onde se enunciará a voz do novo milênio. Lugar excêntrico de enunciação a apontar o futuro e, simultaneamente, a possibilidade de resgate das vozes sofridas do passado. Privilegiadamente as das margens do sistema de produção de ideias, mas sem exclusão das muitas periferias do mundo globalizado, mesmo aquelas dos países centrais.

En el año 2100, cuando nombre de todos los autores se haya perdido y la literatura sea intemporal y sea anónima, esta pequeña propuesta sobre el desplazamiento y la



distancia, será, tal vez, un apêndice o una intercalación apócrifa en um web.site llamado Las seis propuestas que para ese entonces serán leídas como si fueran consignas en un antiguo manual de estrategia usado para sobrevivir en tiempos difíciles (PIGLIA, 2001. p.3.

O espaço para “uma literatura menor” (“*Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior.* DELEUZE e GUATARRI,1977, p. 25), já que para Piglia a voz desta nova proposta será enunciada a partir da margem, deslocando a ideia de origem ou de dependência entre culturas.

Termino com Édouard Glissant com quem iniciei estas breves reflexões. Para falar de uma “poética da relação”, do mesmo e do outro das diferentes culturas, o pensador martinicano recorre a Deleuze e Guattari, aos conceitos de raiz e rizoma como metáfora para propor uma noção não totalitária da relação intercultural.

La racine est unique, c'est une souche qui prend tout sur elle et tue alentour; ils [Deleuze e Guattari] lui opposent le rhizome qui est une racine multipliée, étendue em réseaux dans la terre ou dans l'air, sans qu'aucune souche y intervienne en prédateur irrémediable. La notion de rhizome maintiendrait donc le fait de l'enracinement, mais refuse l'idée d'une racine totalitaire. La pensée du rhizome serait au principe de CE que j'appelle une poétique de la Relation, selon laquelle toute identité s'étend dans un rapport à l'Autre (GLISSANT. 1990, p. 23).<sup>3</sup>

O caráter sempre contraditório que assume o diálogo entre culturas e com a tradição, sobretudo quando marcadas pelo signo da colonização e da dependência, aparece representado nos textos de Machado de Assis, de Borges e Piglia. Cada escritor, a seu modo, propõe novas poéticas não essencialistas, como linhas de fuga e desconstrução no espaço literário latino-americano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

<sup>3</sup> “A raiz é única, é um tronco que abarca tudo e mata o entorno; eles lhe opõem o rizoma que é uma raiz multiplicada, ampliada em tramas na terra ou no ar, sem que nenhum tronco nelas intervenha como predador irremediável. A noção de rizoma manteria, assim, o enraizamento, mas recusa a ideia de uma raiz totalitária. O pensamento do rizoma seria a partir disto que eu chamo de uma poética da Relação, segundo a qual toda identidade se espalha a partir do Outro”. (tradução livre)

BLOOM, Harold. *O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo*. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

BORGES, Jorge Luis. O escritor argentino e a tradição. In: Discussão. *Obras completas de Jorge Luis Borges*. Trad. vários. Vol.1. São Paulo:Globo, 1999. (p. 288-296).

BORGES, Jorge Luis. Kafka e seus precursores. *Obras completas*. São Paulo: Globo, 1999, p.96-98, v.2.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6<sup>a</sup> ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

ELIOT, T. S. Tradição e talento individual. *Ensaio*. Trad. Ivan Junqueira. São Paulo: Art, 1989. (p.37-48)

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Trad. Salma Tanus Muchail. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GLISSANT, Édouard. *Poétique de la Relation*. Paris: Gallimard, 1990.

LAPOUGE, Gilles. Os arquivos vazios da humanidade. São Paulo: *O Estado de São Paulo*. 17/03/96.

MACHADO DE ASSIS. Notícia da Atual Literatura Brasileira - Instinto de Nacionalidade. Vol. III. *Machado de Assis: obra completa em três volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. (p.801-809)

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia, *Prosa de Ficção*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

PIGLIA, Ricardo. Memoria y tradición. *Anais do 2º Congresso ABRALIC: literatura e memória cultural*. Vol. 1 Belo Horizonte: ABRALIC, 1991.

PIGLIA, Ricardo. Una propuesta para el nuevo milenio. *Margens/Margenes: Caderno de Cultura*. n. 2, outubro. Belo Horizonte/Mar del Plata/Buenos Aires. 2001.

SARLO, Beatriz. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. Trad. Samuel Titan Júnior. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

